

Guerra privatizada: as mutações do capitalismo

O conselheiro especial do presidente Trump, Stephen Bannon, tem um novo plano para vencer a guerra no Afeganistão: substituir o exército dos EUA por empreiteiros privados. Desta forma, a guerra tornar-se-ia um negócio atrativo: a indústria de armamento continuaria a fornecer armas e fornecimentos, mas agora mesmo as ações no terreno seriam da responsabilidade dos exércitos privados. São chamados mercenários, mas o eufemismo dos contratantes privados é útil para disfarçar o verdadeiro significado das guerras imperiais do nosso tempo.

A privatização da guerra não é um negócio novo. A experiência de guerra dos EUA no Afeganistão desde 2001 é apenas o exemplo mais recente de operações militares privadas de grande escala. Por exemplo, a invasão das tropas americanas foi inicialmente apresentada como uma resposta aos ataques de 11 de Setembro. O objetivo era dismantelar as bases da Al-Qaeda, mas muito rapidamente a lógica da guerra foi transformada em uma ocupação militar de longo prazo. Uma campanha de propaganda bem orquestrada sobre a reconstrução de uma nação acompanhou esta metamorfose.

A guerra de 15 anos no Afeganistão é a experiência de guerra mais longa da história dos EUA. Mais de 2.400 soldados americanos morreram desde 2001, mas hoje as forças talibãs controlam mais território naquele país do que no início da guerra. É por isso que Washington está tentando redesenhar uma nova estratégia para ganhar esta guerra cujos objetivos cada vez mais esquivos.

Há atualmente cerca de 9.000 soldados americanos naquele país da Ásia Central, mas há mais de 28.600 empreiteiros privados cujas tarefas são difíceis de descrever com precisão. Nem o próprio Pentágono sabe exatamente o que este pessoal está

fazendo. A verdade é que, nos últimos anos, o número de militares formais diminuiu com o suposto propósito de entregar a condução da guerra ao governo de Cabul, mas o número de contratantes privados tem vindo a aumentar e a guerra foi privatizada.

Nem todos estes empreiteiros estão diretamente envolvidos em operações militares. O Serviço de Pesquisa do Congresso (CRS) revela que 5.500 são empregados como tradutores, pessoal de construção ou de apoio. O que fazem os outros 23.000 empreiteiros privados?

A questão aqui não é apenas o número de empreiteiros ou mercenários diretamente envolvidos na luta armada. Para cada soldado em operações de campo são necessárias centenas (se não milhares) de pessoas em tarefas de apoio: comunicações, serviços de saúde, transporte, preparação de alimentos, e assim por diante. Em suma, mais de 70% do pessoal dos EUA em tarefas de ocupação no Afeganistão são empreiteiros privados.

Washington gastou cerca de 110 bilhões de dólares na reconstrução desse país. Esse montante é muito superior ao total atribuído ao Plano Marshall para a reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial. Ninguém sabe quanto dinheiro foi para obras inúteis ou insustentáveis. A verdade é que a paisagem afegã está cheia de conchas vazias de escolas e clínicas abandonadas ou semi-construídas. Em muitos casos, a energia elétrica necessária para o bom funcionamento destes trabalhos não pôde ser garantida. Em outros, o abandono se deve às ações de sabotagem intermitente que tornaram a operação inoportuna. Frequentemente, os recursos investidos na reconstrução da nação têm sido um presente para as empresas privadas responsáveis pelos projetos. Mas também serviram para disfarçar uma ocupação militar mais interessada em objetivos estratégicos do que em reparar os danos de uma guerra que deixou mais de 400 mil mortos civis.

O capitalismo contemporâneo continua suas mutações para

adaptar o mundo às suas necessidades. O salário já não é a chave para reproduzir a força de trabalho e foi substituído pelo crédito. A taxa de lucro associada à atividade produtiva foi substituída pela rentabilidade derivada da especulação como referência no processo de acumulação. E agora até mesmo as forças armadas estão cada vez mais transformadas num negócio privado. Neste último quesito, talvez seja mais uma regressão aos tempos pré-capitalistas, já que os exércitos privados dos senhores da guerra eram um recurso há milhares de anos. Mas agora há algo novo: a privatização das operações militares faz parte de uma tendência econômica mais geral. Tal como a privatização da gestão do sistema prisional ou do sistema de detenção migrante, esta é outra indicação da profunda reconversão do Estado na actual fase do capitalismo. De organização política, o Estado tornou-se hoje uma matriz de interesses corporativos e seu propósito nada tem a ver com o bem-estar social.

Original: [La Jornada](#)